

Autor: Tarsila de Assis

Título: O arlequim e o livro azul

Na noite de uma certa madrugada num lugar exótico e distante, um arlequim muito arteiro e atrevido encontrava-se entediado debaixo de uma caramboleira, admirando a lua cheia no céu na companhia de seus pensamentos. Cansado da tranquilidade e do clima monótono do lugar, decidiu escapar de seu mundo para dar uma volta no mundo dos humanos, a fim de encontrar alguns livros para ler, porque ele era um conhecido amante de livros e se divertia lendo as histórias criadas pelos humanos, não importava o gênero. Entretanto, ele tinha um gosto um tanto peculiar: Gostava de ler as memórias e as lembranças dos lugares pelos quais visitava.

Para ele era possível essa proeza, porque no mundo humano, cada lugar tinha sua própria história e também suas próprias memórias, seja de alguém que viveu por ali e depois foi embora após construir seu próprio caminho, seja de um andarilho que simplesmente passou por ali, mas mesmo assim, ajudou a construir a história daquele lugar. Essas memórias eram escritas numa espécie de livro imaginário, reservado e protegido de todos e que era capaz de aparecer para o arlequim num estalar de dedos. Andando animadamente por uma rua deserta, deparou-se com um grande muro que lhe chamou atenção.

— Esse lugar parece interessante. — Disse ao admirar os altos muros do grande e largo prédio. Numa placa, viu escrito “CEFET/ RJ” e tentou pronunciar, mas não conseguiu. Escalou rapidamente o muro e logo se encontrava dentro. Olhou para os lados, tudo estava tão escuro e silencioso que lhe causava certo medo.

— Olhe este lugar, está tão escuro. Luz! — Gritou e ao estender a mão, vários vagalumes saíram de suas luvas, logo iluminando o ambiente. — Agora hei de encontrar esse livro que deve ser recheado de histórias e de memórias! Então, na frente da construção, estalou os dedos gritando:

— Se tiver memórias, mostre-se para mim!

Contudo, surpreendentemente, nada lhe apareceu. Tentou, tentou, e nada. Viu que o lugar tinha uma grande biblioteca e decidiu buscar algo lá, acreditava que talvez tivesse alguma coisa, mas nada encontrou.

— Mas será possível que aqui não existam memórias? Será um lugar abandonado? — Perguntou-se pensativo. Acompanhou o soprar do vento desapontado, que ia aumentando a cada minuto. Tentou uma última vez estalar os dedos para que o livro aparecesse para si, mas dessa vez no meio de um grande jardim que lhe lembrava um pequeno bosque localizado no interior do prédio. Estalou os dedos, gritando:

— Se tiver memórias, mostre-se para mim!

Dessa vez o arlequim assustou-se quando o vento soprou mais forte e quase o levantou do chão. Mesmo com dificuldade de enxergar, viu um objeto surgir em sua frente. O livro finalmente lhe aparecera! O maior que ele já vira e a capa era de uma cor azul intensa e vívida. A capa foi aberta e o arlequim se surpreendeu ao ver várias páginas soltas voando pelos ares como passarinhos rebeldes ansiando por liberdade.

— Mas que livro será esse? São milhões de páginas! Esse lugar é bem maior do que pensei, parece que muitas pessoas já estiveram aqui! De todas as partes desse mundo!

E viu que faltavam algumas páginas, viu páginas incompletas com diferentes começos e fins. Sentou-se no chão, tonto e perdido ao ler aquilo, percebeu que ainda tinha folhas brancas esperando para serem preenchidas! Por fim decidiu não roubar aquele livro com as memórias desfalcadas para si, porque viu que estava incompleto e algumas páginas estavam faltando. Mesmo assim, suas histórias conseguiam se intercalar umas com as outras como nos outros livros que vira e eram muitas! Era algo tão confuso e estavam todas juntas num único livro! Como isso era possível?

Por fim fechou o livro após conseguir juntar e pegar todas as páginas em branco que voaram com o vento e deixou aquelas memórias ali mesmo, talvez este fosse o certo a se fazer. O arlequim não sabia da grandeza daquele lugar, mas sabia que aquele livro ainda seria preenchido por muitas outras histórias, quem sabe infinitas, e cada qual com seu próprio enredo, mas todas compartilhando de um mesmo título. E então ele finalmente foi embora e para não ficar sem levar nada, levou consigo uma folha em branco, mesmo que não fosse possível fazer parte daquele livro, levaria aquela folha como uma lembrança e com uma ligeira marca de que um dia estivera ali. Talvez um dia, preenchesse-a com uma história ou com uma memória propriamente sua.